

Adriana Ciama, Andreea Teletin (eds)

**Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa.
40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia:
perspetivas e desafios**

 EDITURA UNIVERSITĂȚII DIN BUCUREȘTI
BUCHAREST UNIVERSITY PRESS
2021

Volume publicado com o apoio do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.



EDITURA UNIVERSITĂȚII DIN BUCUREȘTI
 BUCHAREST UNIVERSITY PRESS

<https://editura-unibuc.ro/>

B-dul Mihail Kogălniceanu 36-46, Cămin A (curtea Facultății de Drept),
 Corp A, Intrarea A, etaj 2, Sector 5, București, România; tel.: + (4) 0726 390 815

E-mail: editura.unibuc@gmail.com

Librărie online: <https://editura-unibuc.ro/magazin/>

Centru de vânzare: Bd. Regina Elisabeta, nr. 4-12, București,
 tel. + (4) 021 305 37 03

Imagine copertă: iStock/Daria Superman/ID: 1068706016

Toată răspunderea de copyright foto revine editorilor

Coperta și DTP: Meri Pogonariu

Descrierea CIP a Bibliotecii Naționale a României
Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa :
40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia : perspectivas e
desafios / ed.: Adriana Ciama, Andreea Teletin. - București :
 Editura Universității din București, 2021
 Conține bibliografie
 ISBN 978-606-16-1264-2

I. Ciama, Adriana (ed.)

II. Teletin, Andreea (ed.)

008

Índice

Palavras introdutórias	9
LITERATURA	11
Conferência plenária: Helena Buescu, <i>Habitar em dor (António Lobo Antunes)</i>	13
Yana Andreeva, <i>Emigração, retorno e identidade na ficção de Dulce Maria Cardoso</i>	22
Magda Barbeita, <i>A memória portuguesa de África em Lourenço Marques de Francisco José Viegas. Que memória(s) ?</i>	28
Georgiana Bărbulescu, <i>José Saramago e Jorge Amado – poetas de vida autêntica...</i>	36
Miruna Bulumete, <i>“Controtempo” e contrattempi in alcune opere di Antonio Tabucchi</i>	44
Teresa Sofia Coelho, <i>Modas alentejanas: tempo, espaço e identidade</i>	51
Anna Działak, <i>«Considerando yo pues el provecho, que se sigue a los Reynos con escribirse dellos, y deseando hazer algun servicio a mi patria...» – dois países, dois tratados, um objetivo? Sousa de Macedo e Dembołeckı perante suas pátrias</i>	61
Cláudia Fernandes, <i>Emigrantes em reflexão</i>	72
António M. Ferro, <i>Lucian Blaga nas Cortes da Saudade e outros momentos do encontro luso-romeno</i>	82
Catarina Firmo, <i>Figuras de Narciso no teatro de Jaime Salazar Sampaio</i>	95
Adilson Fernando Franzin, <i>Mia Couto e o permanente voo das palavras</i>	103
Natalia Klidzio, <i>Torrentes da memória na desconstrução da identidade em Cinzas do Norte de Milton Hatoum</i>	119
Anca Irina Ionescu, <i>Desde Praga a Portugal – la misión del rey checo Jiří de Poděbrady de 1465-1467</i>	128
Mihaela Irimia, <i>A “deixis” shakespeariana nos 35 Sonnets de Fernando Pessoa</i>	133
Iuliana Miu, <i>Căutări identitare în proza lui José Saramago. Extinderi și atitudini ...</i>	139
Corina Nuțu, <i>Fernando Pessoa e o ‘Preconceito Personalista’</i>	146
Ana Paixão, <i>Verba sonora. À escuta das ressonâncias da língua</i>	164
Jacqueline Penjon, <i>De l’épopée en vers au roman-poème</i>	171
Cristina Petrescu, <i>O fradiquismo e a síndrome do livro ausente</i>	180
Ana Ribeiro, <i>As “viagens na minha terra” em Crónica de uma travessia de Luís Cardoso</i>	188

Isabel Roboredo Seara, 'Juntos': <i>A declaração de amor post mortem no Diário português de Mircea Eliade</i>	197
Melania Stancu, <i>Las vanguardias latino-americanas en los manifiestos literarios. Un caso de antropofagismo</i>	208
Anna Wolny, <i>Escrevendo a história, assinando com o corpo. Moacyr Scliar, A mulher que escreveu a Bíblia</i>	215
LINGUÍSTICA	227
Conferência plenária: Maria Helena Araújo Carreira, <i>Tempo, espaço e pessoa em português: contributo para uma reflexão</i>	229
Andrei A. Avram, <i>Quelques remarques sur le système pronominal du créole portugais de Macao</i>	233
Cristina Victoria Bibere, <i>Análise comparativa da dêixis espacial em português e romeno</i>	247
Adriana Ciama, <i>Uma abordagem comparativa da dêixis espacial em português e romeno: algumas reflexões</i>	257
Isabel Desmet, <i>Neologia do português e do francês contemporâneo: questões teóricas e aplicações</i>	266
Denize Elena Garcia da Silva, <i>Do sujeito pessoal indefinido em quatro línguas românicas à cristalização de "a gente" em português</i>	275
Matilde Gonçalves, <i>Textos e tipos de discurso potenciadores do desenvolvimento humano</i>	286
Edyta Jablonka, <i>Observações acerca do emprego de alguns tempos passados em português e em polaco</i>	298
Thomas Johnen, <i>Do movimento espacial à modalidade, aspectualidade e temporalidade: sobre a gramaticalização dos verbos de movimento ir e vir</i>	308
Graziela Kronka, <i>Agir e fazer o outro agir: a performatividade generalizada da linguagem</i>	319
Veronica Manole, "Sr. Presidente, o Deputado terminou com um faz-de-conta": <i>a negociação conversacional em debates parlamentares portugueses</i>	326
Maria Aldina Marques, <i>Particularidades da deixis temporal em interações verbais orais do Português</i>	344
Rosalice Pinto, <i>Valores organizacionais e suas estratégias textuais-discursivas: estudos de caso</i>	355
Petra Svobodová, <i>As peculiaridades de conjugação da 1ª pessoa singular do pretérito perfeito simples do indicativo dos verbos irregulares nos dialetos de português europeu</i>	367
Ildikó Szijj, <i>As perífrases ir + infinitivo e acabar de + infinitivo em português e espanhol</i>	379

José Teixeira, <i>Oralidade e emoção: a importância dos elementos emotivos nas línguas naturais</i>	388
Andreea Teletin & Sónia Valente Rodrigues, <i>Para uma análise enunciativa de alguns textos publicitários portugueses: modalidades, vozes e pontos de vista</i>	408
Alina Villalva, <i>Os verbos parassintéticos nas fontes lexicográficas antigas e o problema dos dicionários contemporâneos</i>	418
DIDÁTICA	433
Conferência plenária: Isabel Margarida Duarte, <i>Tempo, espaço e pessoas: aprender língua, literatura e cultura a partir de contos lusófonos</i>	435
Ângela Carvalho & Rosa Bizarro, <i>Estratégias de aprendizagem: Representações e práticas de professores de Português Língua Estrangeira</i>	450
Isabelle Simões Marques & Isabel Sebastião, <i>Análise didático-linguística da cortesia em manuais de língua estrangeira: estudo comparativo do francês e do português</i>	468
Cristina Nițu, <i>A (re)construção do si mesmo no espaço lusófono. Uma viagem diferente no caminho da definição da identidade portuguesa em três continentes: Ásia, África e América</i>	482
Galina Petrova, <i>Tempo e espaço nos manuais de português para alunos de expressão russa</i>	490
Fátima Silva & Isabel Margarida Duarte, <i>Revisitação do discurso relatado no ensino-aprendizagem do PLE: proposta de uma abordagem de base comunicativa</i>	502
TRADUTOLOGIA	519
Simona Ailenii, <i>A tradução galego-portuguesa do romance arturiano – testemunho de escrita gótica do século XIV</i>	521
Silvia Helena Benchimol Barros & Edwiges Conceição de Souza Fernandes, <i>Análise de atividade tradutória: imagens amazônicas na perspectiva da Teoria Enunciativa de Antoine Culioli</i>	538
Cristina Bugheanu, <i>Traduzir os deíticos espaciais: uma tarefa (im)possível? Estudo comparativo (português-romeno) da deixis espacial em alguns romances de António Lobo Antunes e José Saramago</i>	550
Anca Milu-Vaideseșan, <i>Variabilidade e autonomia do signo-interpretante como marca selecionadora das equivalências tradutivas</i>	556
Daniela Mirodone, <i>Invenção de palavras em traduções portuguesas do romance A Clockwork Orange de Anthony Burgess</i>	566
Catarina Vaz Warrot, <i>Tradução para francês de jogos com o significante e de criação de palavras na literatura lusófona portuguesa: desafios</i>	572

Particularidades da deixis temporal em interações verbais orais do Português

Maria Aldina MARQUES

(Instituto de Letras e Ciências Humanas /

Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho)

Resumo: Este trabalho tem como objeto de análise um corpus de português oral coloquial, constituído por 74 entrevistas, realizadas no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*, que está a ser elaborado no centro de investigação do Instituto de Letras e Ciências Humanas, o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, em Portugal. São entrevistas semiformais, realizadas de acordo com a proposta de Labov (1972) para as entrevistas sociolinguísticas. Tendo como hipótese de partida que o uso das formas verbais apresenta, nas interações informais do quotidiano, características próprias não consideradas nas gramáticas do Português em geral e nas gramáticas do ensino do Português língua não materna em particular, o objetivo principal desta investigação, no quadro teórico de uma análise enunciativo-pragmática dos discursos, é analisar os usos específicos de tempos verbais, como o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito do indicativo, em contexto de relato de discurso.

Palavras-chave: coloquialidade, dialogismo, enunciação, discurso relatado, tempos verbais

1. Introdução

Este trabalho inscreve-se num projeto de investigação, denominado *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*¹, constituído por um corpus de português oral coloquial, composto por 74 entrevistas, com cerca de uma hora cada, registadas em gravação áudio; o registo e transcrição dos dados foram realizados no programa Exmaralda. Este corpus está a ser elaborado desde 01-10-2010, no centro de investigação do Instituto de Letras e Ciências Humanas, o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (ILCH/CEHUM), em Portugal. São entrevistas semiformais, realizadas de acordo com o esquema proposto por Labov (1972) para as entrevistas sociolinguísticas. É uma amostra estratificada em função de 3 variáveis externas: sexo, idade e nível de escolarização².

Quanto ao género discursivo, as entrevistas sociolinguísticas pertencem a um género oral, dialogal, mas com baixa interatividade. O entrevistador deve fazer falar o entrevistado e este deve falar, isto é, responde a perguntas, relata episódios da sua vida, apresenta a sua opinião sobre assuntos variados, sempre numa perspetiva pessoal. É ainda um género que privilegia uma relação consensual entre os interlocutores, segundo um

¹ É um projeto com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009.

² Relativamente aos parâmetros *escolaridade* e *idade*, foram consideradas, respetivamente, as seguintes categorias: A: analfabeto-3ª classe; B: 4ª classe-9º ano; 10º-12º ano; D: licenciado; 1: 15-25 anos; 2: 26-59; 3: 60-75; 4: +75.

contrato de comunicação cooperativo³. O registo coloquial, que privilegia uma relação de igualdade funcional, de proximidade vivencial (assente no conhecimento mútuo), de espontaneidade (que resulta da simultaneidade da planificação e verbalização discursivas) e de tom informal, é predominante, apesar das restrições resultantes da relação entre os participantes e da finalidade da interação. Com efeito, a colaboração no projeto de investigação é o elemento desencadeador da inter-relação construída no e pelo discurso. A interação verbal é “provocada” por este objetivo global, que determina ainda a diversidade de participantes, nomeadamente no que concerne à idade dos entrevistados, um parâmetro fundamental na construção da relação interpessoal. Aliás, as formas de tratamento, alternando entre formas de segunda e terceira pessoa, evidenciam essa diversidade. A gravação da entrevista em áudio é outro fator determinante da construção discursiva. Os entrevistados, em particular, dão conta destas preocupações com as condições, as regras, da interação. Por isso, ocorrem sequências metadiscursivas que mostram as especificidades deste género discursivo, no que concerne ao registo coloquial. No exemplo (1), o entrevistado explicita a atenção ao registo de língua que está a usar:

- (1) I: •• Eu, se estivesse/ não estivesse assim, eu até havia de estar a ((hesitação)) a falar mal. Porque senão já tinha falado mal •• como o diabo já.
E: Ai é?
I: Mas já é o o coiso da pessoa já de natureza da pessoa.
E: •• Hum hum. Então o senhor agora tentou não dizer muitos palavrões.
I: Sim, sim, sim, sim! *Penso que evitei todos,*
E: ((risos))
I: evitei tudo. Já podia ter fugido algum.
E: Pode falar à vontade
I: Mas se calhar disse mesmo.
E: que ninguém o censura
I: Não, pois. Mas é por causa disso que, normalmente, é assim: ((hesitação) palavrões abaixo, palavrões acima.. Não sei. Não é com aquele rancor, não é?
E: Hum hum.
I: É às vezes é estar na brincadeira: - Ai ((hesitação)) e tal. Mas ((hesitação)) mas, lá está, mas não é com aquele rancor, não é?
E: Hum hum. (13H2B)⁴

Apesar desta preocupação que parece estar sempre latente, a espontaneidade é atingida. O entrevistador tem aqui um papel decisivo, ao assegurar repetidamente a admissibilidade de qualquer tipo de registo de língua:

³ Contrato de comunicação é um conceito desenvolvido por Charaudeau (1993: 3): “Le “contrat de communication” lie les partenaires dans une sorte d’alliance objective qui leur permet de *co-construire* du sens tout en *s’auto-légitimant*. S’il n’existe pas de possibilité de reconnaître un tel contrat, l’acte de communication n’a pas de *pertinence* et les partenaires n’ont pas de *droit à la parole*”.

⁴ Convenções de transcrição: foram usados sinais de pontuação com os valores estabelecidos pelas regras de escrita (., ?, !, :); sobreposição de falas: (aaa); sinais paraverbais: ((aaa)); excertos incompreensíveis ((aaa)); pausa longa (••••), pausa breve (••) entrevistadora (E:); entrevistado (I:); identificação da entrevista: (ex. 13H2B) número da entrevista (13), sexo do entrevistado (H), idade (2), escolaridade (B). Os itálicos e negritos assinalam excertos em análise.

- (2) I: ••• - Pois é, vocês não querem dizer, não? Depois se eu caçá-lo ((hesitação)) esse polícia na avenida, vou-lhe estourá-lo todo, caralho!
 E: ((risos))
 I: Olhe, fugiu agora uma palavra.
 E: Não se preocupe. ((risos)) ((incompreensível)). (13H2B)

Tendo como hipótese de partida que o uso das formas verbais apresenta, nas interações informais do quotidiano, características próprias não consideradas nas gramáticas do Português em geral e nas gramáticas do ensino do Português língua não materna em particular, o objetivo principal da nossa investigação é elencar e analisar alguns usos específicos de tempos verbais, em particular, o pretérito perfeito na sua relação com o pretérito mais-que-perfeito composto⁵ (a partir de agora PP e MQP, respetivamente), enquanto marcas fundamentais da construção da deixis temporal, na relação com as vozes discursivas.

Apesar da atenção que têm merecido de diversos investigadores portugueses e brasileiros, o PP e o MQP não são dos tempos verbais mais analisados ou, pelo menos, tidos como problemáticos e complexos no âmbito das abordagens enunciativas dos discursos⁶. O presente, o imperfeito, o condicional, o futuro composto são, sem dúvida, os mais analisados e discutidos, pelas conexões que é possível estabelecer entre estes e os conceitos de modalização, dialogismo ou responsabilidade enunciativa, entre outros.

Brès (2009: 22), por exemplo, categoriza os tempos verbais do indicativo, retomando investigações anteriores, quanto à capacidade de funcionarem como marcadores de dialogismo “na língua” ou “no discurso”, respetivamente *marcadores* e *sinais* discursivos⁷. As diferenças de funcionamento que determina são explicáveis, segundo o autor, a partir da sua “structure temporelle et/ou aspectuelle”. Assim, o “passé simples”, que aproximámos do PP, é “rebelle à la médiation énonciative”. E o MQP também não entra na análise proposta, porque “Dans l’antériorité, le procès (...) au plus-que-parfait relève du PASSE, qu’on le considère depuis T₀ ou depuis R: aucune nécessité de doubler E₁ d’un e₁...” (Brès, 2009: 26).

Os dados que analisamos permitem-nos matizar esta conclusão, pelo menos para o português.

⁵ Não vamos considerar a forma simples do MQP. Veja-se Oliveira (2013: 524): “Este tempo pouco comum na língua falada, surge em textos escritos e localiza uma situação no Passado relativamente a outra situação também passada, tomada como ponto de referência, como se ilustra em (32) (...) a. O presidente afirmou [que a ministra criticara aquela convenção.] b. O exército atacou a aldeia [que assinara o acordo de paz] (...). Nos dois exemplos de (32), o tempo de referência é introduzido pelo pretérito perfeito do indicativo na oração principal”.

⁶ O MQP e o PP têm sido objeto de vários trabalhos de investigação (Lopes (1997), Peres (1993), Campos (2005), Coan (2000), Fonseca (1985), entre outros), que aprofundam a análise dos seus valores temporais-aspetuais.

⁷ Brès (2009: 27 e 28), a propósito dos tempos verbais, distingue formas verbais que são *marcadores dialógicos*, ou seja, uma “forme temporelle dialogique en langue: son emploi présuppose toujours un dédoublement énonciatif E1/e1, définitoire du dialogisme” e formas que são *sinais dialógicos*, porque “... sans disposer d’une structure temporelle qui, à l’instar de celle du conditionnel, demande un dédoublement énonciatif, ce qui implique son dialogisme en langue, ont des emplois dialogiques (...) cette potentialité dialogique procède de leur instruction temporelle ou de leur instruction aspectuelle”.

⁸ Esta é aliás uma perspectiva de análise comum aos diversos investigadores que abordam esta problemática a partir de pressupostos teóricos diversos. O quadro de análise proposto por Brès é também determinado pelo tempo-aspeto, ainda que numa perspetiva guillaumiana.

1.1. Contextos de ocorrência – problematizar funcionamentos

Da globalidade do *corpus* da *fala bracarense* foram selecionados fragmentos de discurso relatado, pois, uma vez que o informante é encorajado/guido para falar da sua vida, parecia previsível a ocorrência de pequenos relatos de discurso, quer em discurso direto (DD) quer em discurso indireto (DI). Mas, de facto, DD e DI constituem duas situações bem diversas. O discurso relatado (DR) é massivamente feito em DD, dialogado, uma situação característica do registo oral coloquial que consideramos caracterizar estas entrevistas.

No entanto, o DI foi o contexto selecionado para a análise, por ser considerado “...porventura, o contexto paradigmático de ocorrência do MQP”⁹ (Macário Lopes, 1997: 667), com uma estrutura temporal pré-definida, pelo que é possível “formular regras que permitem reproduzir o discurso direto de um locutor, transpondo-o para um modo de enunciação não experiencial, alterando sistematicamente os tempos verbais primitivamente utilizados” (Macário Lopes, 1997: 667) (itálico meu). Brès (2009: 32) vem confirmar esta perspetiva quando, a propósito dos usos do imperfeito do indicativo, refere a ocorrência do MQP :

... le procès y est sous la dépendance d’une parole ou d’une pensée différente de celle de E1; il ne peut s’inscrire sur la ligne du temps en incidence - c’est le verbe introducteur qui peut occuper cette place – et de ce fait se doit d’être actualisé a une forme non incidente: imparfait (ou *plus-que parfait*). Cette explication nous semble rendre compte de l’usage quasi obligé de ces deux temps verbaux dans ce type de cotexte...” (itálico meu)

Apesar destas duas propostas, a atenção aos dados recolhidos mostra que o DI se apresenta como lugar de confluência de formas e usos diversos, que parecem evidenciar uma mudança em curso no uso dos tempos verbais no PE, que não se confina à “imprevisibilidade” do oral.

Para explorar estes funcionamentos, partimos da consideração de ocorrências como a do exemplo seguinte:

- (3) I: Mas eu disse-lhe que uma senhora me tomou conta dele, (79M4A)

que parecem, exactamente, introduzir uma divergência relativamente às descrições acima referidas.

Longe de se afirmarem como “erros da oralidade”, uma busca pelo *corpus* cetempúblico¹⁰, constituído por excerto de discurso jornalístico, parece apontar para a amplitude do funcionamento, que não se restringe a géneros do oral:

⁹ Coan (2000: 69) relaciona a importância deste contexto com a variável escolaridade: “Verbo dicendi também apresenta um peso relativo favorável ao pretérito-mais-que-perfeito, talvez porque estruturas envolvendo discurso indireto sejam aquelas ensinadas formalmente como características de uso de tal forma de pretérito”.

¹⁰ <http://www.linguatca.pt/cetempublico>: “O CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) é um corpus de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, criado pelo projecto Processamento computacional do português (projecto que deu origem à Linguatca) após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) português e o jornal PÚBLICO em Abril de 2000”.

- (4) Oliveira Dias *afirmou* que *transmitiu* estas informações ao presidente da Câmara, quando o assunto foi noticiado por «O Independente». (cetempúblico, *par=ext1047754-soc-95a-1*)

Determinámos, assim, como hipóteses de análise, que (Hp₁) o PP substitui/pode substituir o MQP em contexto de DR. No entanto, estes tempos verbais não são simples variantes, porque (Hp₂) o MQP assume, no DI, funções de *sinál* dialógico. Assim, (Hp₃) a substituição cria efeitos de sentido e o PP opera um sincretismo de pontos de vista, pela imbricação das vozes dos enunciadores E₁ e e₁. Finalmente (Hp₄), a substituição do MQP pelo PP esbate as vozes discursivas.

Temos, pois, como objetivos específicos:

1. analisar os usos dos tempos verbais do pretérito, com especial atenção à relação entre o mais-que-perfeito e o pretérito perfeito do indicativo, a fim de:
 - 1.1. pôr em relevo a relação MQP e PP e heterogeneidade enunciativa.
 - 1.2. determinar os efeitos de sentido da alternância destes tempos verbais no DI.

2. Quadro teórico

Adotámos uma perspetiva *pragmático-discursiva*, que tem como objeto a linguagem em uso como forma de comunicação e que supõe uma necessária atenção ao co(n)texto. Privilegiamos, pois, uma abordagem enunciativa, centrada na análise do funcionamento da deixis temporal, a partir da organização enunciativa dos discursos. Se com Benveniste, a componente enunciativa se torna fundamental na análise dos tempos verbais, o conceito de dialogismo¹¹ enquanto “interação de pelo menos dois discursos” (Brès, 2009) permite recolocar a questão do uso dos tempos verbais como marcas de heterogeneidade enunciativa¹², que iremos considerar para casos de discurso relatado, o discurso indireto. O condicional, o imperfeito bem como os tempos do futuro simples e futuro perfeito atestam a importância da análise da relação que se pode estabelecer entre os tempos verbais e a questão da heterogeneidade enunciativa¹³. Pretende-se, agora, analisar nesta perspectiva o MQP e o PP; ligar os diferentes usos verbais à questão da distanciação e do dialogismo interdiscursivo.

2.1. O sistema verbal português: tempos deíticos e anafóricos

A proposta de Coseriu relativamente à organização do sistema verbal das línguas românicas em dois planos (atual e inatual) é retomada por F.I. Fonseca (1985), que

¹¹ Dialogismo é um conceito que tem vindo a ser estudado e discutido nomeadamente na relação com o de polifonia. Ambos têm em Bakhtine o quadro inicial, mas a reapropriação que deles fizeram os linguistas ocidentais, em trabalhos como os de Ducrot, deu origem a discussões que estão longe de ser superadas. Como propõe Brès (2009: 21), a consideração desta problemática passa pela distinção locutor-enunciador: “Nous appelons locuteur l’instance qui actualise l’énoncé dans sa dimension de dire (correspondant à l’acte locutoire); et énonciateur, l’instance à partir de laquelle l’énoncé est actualisé dans ses dimensions modale et déictique notamment, à savoir, inscrit comme acte de langage à partir d’un *ego, hic et nunc...*”

¹² “...le dialogisme, en tant qu’interaction de (au moins) deux discours, ce qui se manifeste, au niveau de l’énoncé par l’hétérogénéité énonciative – à savoir, pour le dire métaphoriquement, que s’y entend, plus ou moins explicitement, en plus de la voix du locuteur-énonciateur (E1), celle d’un autre énonciateur (e1)” (Brès, 2009: 21).

¹³ Sem pretensões de esgotar a questão, veja-se, por exemplo, para o PE e o Francês, respetivamente, Duarte (2008), Brès (2009).

acentua o facto de tal categorização se reportar a uma distinção enunciativa mais fundamental entre tempos deíticos e tempos anafóricos.

Sobre o funcionamento do sistema verbal em PE, em concreto, esta investigadora põe em evidência um processo de substituição/redução de tempos verbais em diferentes contextos de uso:

Le parallélisme entre ces deux sous-systèmes est mis en relief, en portugais, par un *phénomène d’évolution très poussé* [...] il s’agit du remplacement devenu courant du *conditionnel* par l’*imparfait*, fait parallèle au remplacement, tout aussi courant, du *futur* par le *présent*. (Fonseca, 1985: 283-284)

A estas substituições acrescentamos uma outra, a substituição do MQP pelo PP. Neste caso, o PP, tempo essencialmente deítico, mostra tendência para substituir o MQP, tempo essencialmente anafórico, na marcação da relação de anterioridade. Considero particularmente importante para a análise do PP/MQP, a afirmação de que “...il ne s’agit pas là de cas isolés mais de l’ensemble des temps du sous-système déictique secondaire » (Fonseca, 1985: 289).

2.1.1. Os tempos do pretérito nas gramáticas portuguesas

As características temporais-aspetuais dos *tempos do pretérito* têm expressão sistemática nas gramáticas portuguesas, desde o século XIX em particular, de que se destaca a *Grammatica philosophica*, de Jerónimo Soares Barbosa. No excerto abaixo, este gramático descreve os valores temporais-aspetuais dos tempos do pretérito, a partir da análise do mais-que-perfeito, o “pretérito perfeito relativo”:

Este pretérito nota *uma existência não só passada*, como o pretérito imperfeito, e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto, e *não só passada e acabada relativamente à época actual*, como o presente perfeito, mas *passada e acabada relativamente a outra época também passada, mas há mais tempo...*” Barbosa (1822, 274 [218]) (grafia atualizada; itálico meu)

Esta apresentação é seguida de exemplos que põem em evidência, em termos de localização temporal, a relação do conceito de anterioridade com o de ponto de referência¹⁴, uma proposta de análise temporal que terá em Reichenbach (1947) a primeira teorização¹⁵. De facto, o gramático português continua:

...e marcada ou por um tempo determinado, ou por um facto, quer expresso, quer subentendido como quando digo: *Ontem, ao meio dia, tinha eu acabado esta obra*, onde o *meio-dia* é a época passada, a respeito da qual, e antes dela era já passada e acabada a obra. E quando digo: *Eu tinha saído quando ele entrou*; a *entrada* é também uma época pretérita a respeito da presente em que estou falando. Mas a minha saída não só é anterior e passada, mas ainda concluída e acabada a respeito da dita entrada.” Barbosa (1822, 274 [218]) (grafia atualizada; itálico meu)

¹⁴ Ponto de perspetiva temporal, para Kamp & Reyle (1993).

¹⁵ Das elaborações/reformulações posteriores neste domínio sobressai o texto de Kamp & Reyle (1993).

A mesma caracterização dos valores temporais do MQP é levada a cabo por Macário Lopes (1997: 665):

...em termos de *estrita localização temporal*, o MQP é por excelência um tempo anafórico, ou relativo, já que a relação de ordem que estabelece pressupõe a tomada em *consideração de um ponto de referência que é passado relativamente ao intervalo de tempo da enunciação*. (itálico meu)

Também as gramáticas portuguesas atuais dedicam algumas páginas a esta questão. Tivemos em consideração apenas as duas gramáticas mais recentes e mais prestigiadas: *Gramática da Língua portuguesa (GLP)* (edição de 2003) e a *Gramática do Português (GP)* (2013)¹⁶, em que o capítulo relativo aos tempos verbais, como marcas de temporalidade e aspetualidade é, aliás, da mesma autora. O valor temporal do MQP é assim apresentado:

O pretérito mais-que-perfeito composto (...) representa uma situação passada e concluída relativamente a um tempo de referência também passado (...)

O pretérito mais-que-perfeito composto tem como único valor temporal localizar uma situação como anterior a outra, no passado, podendo-se dizer que essa leitura lhe é inerente. (Oliveira, 2013: 530-531)

O PP assume com frequência – e sempre no contexto que seleccionámos – a função de ponto de perspectiva temporal (PpTp)¹⁷.

Outras perspetivas, a que chamarei globalmente de pragmático-discursivas, relevam outros funcionamentos, ainda que em estreita dependência dos valores aspetuais-temporais. No presente trabalho, pretende-se abordar o funcionamento dos tempos verbais em causa, numa perspetiva enunciativa. Daí a escolha do DI, marcado pela conjunção de duas temporalidades distintas veiculadas, de acordo com as descrições gramaticais, pelo PP e MQP.

3. MQP e PP na fala bracarense

3.1. O MQP nas sequências narrativas

No *corpus* em análise, o MQP é pouco frequente em sequências narrativas, que privilegiam, sobretudo, o PP ou ainda o Presente. A justificação para este “desequilíbrio” neste tipo de fragmentos textuais decorre do carácter anisocrónico do MQP, face a relatos que privilegiam a isocronia, como referem Brès (2009) e Macário Lopes/Rodrigues (2012)¹⁸, e o exemplo seguinte documenta¹⁹:

¹⁶ As duas gramáticas foram coordenadas, respetivamente, por Maria Helena Mira Mateus e Eduardo Paiva Raposo.

¹⁷ Ou *ponto de referência*, de acordo com diferentes autores.

¹⁸ “Isomorfismo entre a ordem linear da sequência linguística e a ordenação temporal relativa dos eventos representados” (Lopes e Rodrigues, 2012: 97). “L’ordre des unités dans le récit tend à (re)produire l’ordre (supposé) des événements dans la réalité” (Brès, 1999 : 108).

¹⁹ A alternância de formas do presente e do pretérito é uma característica do género (narrativa conversacional). Brès (1999) documenta e analisa este funcionamento em interações verbais em francês. Para o português a alternância parece ser também válida.

- (5) I: A minha irmã vi. Nasceu aqui • • em Braga. • • • A minha mãe *estava estava* aqui, a minha mãe, *estávamos* nos meus avós. • • • Ela **levanta-se**, • • **quer** um copo de água, **levanta-se** • • e **reventou-lhe** as águas. O meu pai **foi** com ela logo para o hospital. **Foi** de cesariana também. (01H1B)

As ocorrências de MQP²⁰ nestas sequências narrativas parecem ter como função discursiva marcar um ato de linguagem secundário, um ato de justificação/explicação que dá pertinência à narrativa isocrónica. Os exemplos seguintes ilustram esse processo de anisocronia, em que o MQP integra, em ambas as situações, um enunciado com função explicativa (ato de explicação, secundário) numa sequência narrativa marcada por formas verbais no PP:

- (6) I: • • porque eu eu a minha mãe ia me ter... • • O meu pai foi • • o meu pai **foi passear** com ela antes dela • • me me ter • • • e então ela/ • • **foram passear** e **foram** até Espanha. • • Então, o meu pai • • • **foi** até Espanha e a minha mãe ia • • parir lá, mas a minha mãe/ o meu pai **resolveu acelerar** no carro para ela vir até cá. • • *Que ela já tinha reventado as al/ as águas lá em Espanha.* • • • E ela **veio** para aqui • • comigo lá dentro. E eu ia nascer em risco, eu **nasci** em risco. • • • **Teve** que ser logo para cesariana. Por causa que o... eu já já não... ((onomatopeia)) • • não é... a barriga • • já não já não ((hesitação)) já não já não batia com as mãos nem nada. • • **Tiraram-me** logo. (01H1B)

O PP é preponderante nestas sequências narrativas, por força da estrutura isocrónica, mas também de uma tendência para a ocorrência em substituição do MQP. No exemplo seguinte, o fragmento narrativo “*Casei* • • ela *disse*: • • - Vais • • casar” é anisocrónica, apesar das formas verbais no PP:

- (7) I: • • E • • • e os meus pai/ ela **pediu** para eu ficar na mesma com ela. *Entretanto, o pai dela já tinha falecido um ano antes do meu tio.* • • Mais, ela **ficou/** não tinha por aqui família nenhuma. • • Ela. • • E, portanto, a família dela era toda de Moimenta da Beira, que eram do solar de Moimenta da Beira, tinham um solar. • • E ela **ficou/** • • portanto, • • fui ficando com ela. *Casei* • • ela *disse*: • • - Vais • • casar • • - Vais • • casar e vais • • ficar comigo (75M3C)

São valores pragmáticos que asseguram a coerência narrativa e permitem localizar *disse* como anterior a *casei*.

O MQP ocorre ainda associado ao advérbio *já*, assegurando a construção de um valor pragmático de focalização (Macário Lopes, 2003):

- (8) I: a minha avó não sabia o que é que se passava, **já tinha corrido** com ela médicos por todo o lado. ...E a minha avó **já tinha corrido** com ela todos os médicos que **já tinha visto** • • e ((hesitação)) e nada. Não não se passava nada. (46M1B)

3.2. Valores enunciativos do MQP

Em discurso relatado, modalidade de discurso indireto, ainda que seja o verbo *dicendi*, como elemento fundamental do discurso atributivo, a marcar o desdobramento enunciativo com a *ancoragem* temporal num outro momento enunciativo (X DISSE que);

²⁰ Do trabalho desenvolvido por Lopes (1997) e Coan (2000), a não substituição do MQP pelo PP parece estar relacionada com valores aspetuais, nomeadamente o aspeto resultativo ou não resultativo.

o MQP, pelo facto de marcar a anterioridade relativa a um ponto de referência aqui identificado com o verbo de locução, participa no processo de mediação enunciativa e, nomeadamente, preserva a distância de E₁, que não assume a responsabilidade do ponto de vista veiculado:

- (9) I: E o meu pai disse: - Então sentai-vos aí. •• Nós sentámo-nos •• e o meu pai contou a história da senhora •• e contou as coisas e não nos *disse* logo que nos *tinha ido* ver, não. (88M4D)

De facto, *dizer* é da responsabilidade de E₁, a que o locutor citante se assimila, enquanto o enunciado onde ocorre o MQP é da responsabilidade de e₁, assimilado ao locutor citado. O MQP será, então, nos termos de Brès (2009: 32), um *signal de dialogismo*, isto é, de dialogismo “no discurso”²¹ porque não dispõe “de *dédoublement énonciatif en langue*”.

É o mesmo uso que Macário Lopes (1997: 667) assinala para o DIL no exemplo seguinte “O telefone tocou. Era D. Maria. O marido *tinha tido* uma quebra de tensão. O médico tranquilizou-a”, em que a autora atribui à “frase em que ocorre o MQP (...) uma alteração de perspectiva ou focalização”.

Numa perspectiva enunciativa, o MQP, neste enunciado, preserva a distância enunciativa que é necessária ao funcionamento do DIL. No entanto, ao contrário do que acontece com o DI, não é possível neste contexto usar o PP. A explicação para esta divergência, em contextos que parecem ser similares, tem a ver com facto de o PP, como refere Brès (2009) para o *passé simple*, ser “resistente à mediação discursiva”. Na ausência de um PpTp explícito, apenas o MQP cumpre essa função de mediação. A substituição das formas verbais impede a leitura como DIL: “O telefone tocou. Era a D. Maria. O marido *teve* uma quebra de tensão. O médico tranquilizou-a.”

O MQP instaura uma rutura não apenas entre eventos mas enunciativa. Trata-se obviamente de um caso de dialogismo no discurso.

Esta estruturação temporal não é impositiva no primeiro caso. Como noutros contextos, o MQP é com frequência substituído pelo PP.

- (10) I: •• Hoje a neta que temos aqui vinha satisfeita, que *tinha tirado*... O que é que ela *disse*? •• Que *tinha tirado* um excelente, que a professora lhe *disse* que *foi* a melhor? •• Era (25H3B)

O uso do PP pelo MQP tem consequências ao nível da organização enunciativa, e da heterogeneidade dialógica em particular, porque provoca a imbricação de vozes, a contaminação dos espaços enunciativos que configuram, no que agora nos interessa, o discurso relatado em DI. O tempo de referência é unicamente o da enunciação (To) do locutor citante. O uso do PP pelo MQP esbate o fenómeno do desdobramento enunciativo. O uso do PP em vez do MQP torna indistinta a voz que se faz ouvir: é a voz do locutor citante ou do locutor citado?

O uso do PP pelo MQP opacifica esta relação. Sobrepõe o ponto de vista de E₁ ao de e₁, elide a distância enunciativa.

²¹ Para Brès (2009: 26): “le procès ... au *plus-que-parfait* relève du passé, qu'on le considère depuis T₀ ou depuis R : aucune nécessité de doubler E₁ d'un e₁... ». O excerto que o autor está a analisar não é obviamente o de relato de discurso, como o que agora estou a considerar.

O uso do PP pelo MQP no discurso indireto cria um efeito de sentido por “infração”, um conceito que tomámos de Fonseca (1985), por meio da substituição do ponto de perspectiva temporal. O tempo de referência é o da enunciação.

3.3. O PP como “supertempo” da relação temporal de anterioridade

A substituição do MQP pelo PP, em DI, integra-se no funcionamento mais amplo já conhecido e referido nas gramáticas do Português e em artigos de investigação. De facto, quanto aos usos de pretérito perfeito em contextos em que o MQP também pode ocorrer²², as gramáticas portuguesas dão conta desses usos:

Note-se que o pretérito perfeito simples também pode ter este valor: cf. *o miúdo leu o livro que a avó lhe deu*, em que a sua ocorrência no verbo sublinhado tem uma interpretação temporal semelhante à do pretérito mais-que-perfeito composto (...). No entanto (...) este não é o único valor que o pretérito perfeito pode ter (...). (Oliveira, 2013: 531)

A interpretação da localização temporal decorre de mecanismos pragmáticos relacionados com o conhecimento do mundo. Mas a complexidade do uso do PP não se limita a estes exemplos. Duarte (2009) mostra como o futuro perfeito é, num registo coloquial, substituído pelo PP:

Num registo oral e não vigiado, usaríamos o pretérito perfeito em vez do *futuro perfeito*: “Já tu saíste para a escola” [Quando eu chegar a casa, já tu *terás saído* para a escola.]

Também a gramática da Gulbenkian (2013) dá conta desta possibilidade, sem a ligar no entanto a um registo coloquial²³:

O pretérito perfeito pode também articular-se com um tempo de referência futuro, introduzido por uma expressão adverbial, sendo, nesse caso, interpretado como anterior relativamente a esse tempo e posterior ao momento da enunciação. (Oliveira, 2013:517)

4. Conclusões

Não é possível concluir, bem longe disso, que PP e MQP são isofuncionais, mas o PP parece assumir funcionamentos de “*supertempo* do pretérito”, em usos opcionais a que a relação temporal de anterioridade relativamente a um tempo de referência dá unidade. No que concerne a substituição do MQP pelo PP, é preservada, sempre, uma interpretação pragmática da anterioridade relativamente a um PpTp.

Num quadro dialógico, em DI, o PP esbate o dialogismo, ou melhor, a distinção de vozes. É um mecanismo de apagamento. Num contexto em que o MQP é um sinal dialógico, o PP apaga a emergência de uma outra voz, de um outro enunciadador.

O uso do PP pelo MQP no DR apaga a distância de enunciações, que o MQP assegura. Este funcionamento parece enquadrar-se num processo, já determinado por F. I. Fonseca, de um ponto de perspectiva temporal coincidente com o momento da enunciação

²² Coan (2000: 55) analisa este tipo de usos como um fenómeno de variação linguística, em que “formas alternantes – pretérito mais-que-perfeito versus pretérito perfeito”.

²³ Antes desta gramática, já a Gramática da Língua Portuguesa apresenta a questão em termos muito semelhantes (Oliveira, 2003: 156).

em usos dos chamados tempos anafóricos, o que mostra a enunciação como epicentro do sistema deíctico temporal. A localização temporal é francamente devedora de funcionamentos pragmáticos e enunciativos em particular.

Referências bibliográficas:

- Barbosa, Jerónimo Soares (1822). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, edição fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- Brès, Jacques (2009). Dialogisme et temps verbaux de l'indicatif. *Langue Française* 163, pp. 21-39.
- Brès, Jacques (1999). L'alternance passé composé / présent en récit oral conversationnel. In Jeanne-Marie Barbéris, (org), *Le Français oral*. Montpellier III: Praxiling, pp.107-133.
- Charaudeau, Patrick (1993). Le contrat de communication dans la situation classe. In J.F. Halté, *Inter-Actions*. Université de Metz, <http://www.patrick-charaudeau.com/Le-contrat-de-communication-dans.html> (acesso : 18 de janeiro de 2014).
- Campos, Henriqueta Costa (2005). Para a unificação dos valores do perfeito e do mais-que-perfeito em português. In *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emilia Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 133-139.
- Corpus CETEMPúblico. <http://www.linguateca.pt/cetempublico>.
- Duarte, Isabel Margarida (2009). Futuro perfeito e condicional composto: mediativo no discurso jornalístico em português europeu e em português brasileiro. In Demerval Hora (org.), *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN*, João Pessoa, CDROM ISBN 978-85-7539-446-5.
- Fonseca, Fernanda Irene (1985). Deixis et anaphore temporelle en Portugais. *Revista da Faculdade de Letras : Línguas e Literaturas*, II série, vol. 2, pp. 277-292.
- Ilari, Rudolfo (2001). *A expressão de tempo em Português*. S. Paulo: Editora Contexto.
- Kamp, Hans & Reyle, Uwe (1993). *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Labov, William (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lopes, Ana Cristina (1997). Para uma análise semântica e pragmática do Pretérito mais-que-perfeito do indicativo em português contemporâneo. In Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, José Pires de Lima & Rosa Martelo (orgs.), *Sentidos que a vida faz – estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp. 657-670.
- Lopes, Ana Cristina (2003). Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 411-428.
- Lopes, Ana Cristina & Rodrigues, Conceição (2013). *Texto, coesão e coerência*. Coimbra: Almedina.
- Maria Helena Mateus et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Oliveira, Fátima (2003). Tempo e Aspecto. In Maria Helena Mateus et al. (orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp.127-178.
- Oliveira, Fátima (2013). Tempo verbal. In Eduardo Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português I*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, pp. 509-556.
- Peres, João (1993). Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese. *Cadernos de semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp.1-49.
- Reichenbach, Hans (1947). *Elements of symbolic logic*. New York: The Macmillan Company.